

# VIVER, VERBO INTRANSITIVO

Por Mira Lopes

Conheço Tereza desde seus 12 anos: nós nos encontramos por acaso numa loja de sapatos. Antes das 13 horas daquele dia, jamais houvera sequer delirado que aquela menina existisse. Nosso encontro foi um grande susto; creio que ela nasceu ali, em meio a uma vida há 12 anos já vivida. Desde então, nossa convivência é conflituosa, raramente concordamos. Convivemos por pura necessidade. É um duplo habitar que nos incomoda e, por vezes, fere.

Tem uma frase que persegue Tereza há anos – “no viver tudo cabe” –, desde que a viu na exposição de Guimarães Rosa, no Museu da Língua Portuguesa. Isso foi em 2006, pouco depois do nosso encontro.

No início era tudo beleza, a ideia desse caber desmedido a encantava. Depois percebeu que “tudo” era muita coisa, não sabia mais se queria que tudo coubesse; que coubesse tanta coisa no viver. “Tudo” pode ser bom, “tudo” pode ser ruim. Aliás, tudo pode ser bom e ruim ao mesmo tempo, dependendo da perspectiva.

Tem escrita que não deixa a gente – nisso, Tereza e eu concordamos. Ela nem nunca leu Guimarães. Desde aquela frase, Tereza tem medo. Olha lá! Acabou de olhar para *Grande Sertão: Veredas* na estante e se assustou. Dia desses enviou uma poesia para uma amiga. “Lembrou-me Guimarães”, disse a amiga. Pensem no nosso susto! Repito: Tereza nunca nem leu o homem, mas ele a persegue por um caminho que ela sequer trilhou, é um “algo” que está entre a escrita dele e a potência do encontro.

Clarice e Manoel de Barros a perseguem também, perseguem-na com as palavras. É um perseguir que é ilusão nossa, como criança que se sente perseguida pela lua. Esses Tereza leu. Se pudesse, Tereza rolaria nas palavras deles, igual faz na grama.

Tereza se finge toda, mas gosta dessas perseguições, principalmente quando conhece o autor pelo abraço. Ariane – a amiga da poesia – é uma delas; persegue-a por todos os lados. São múltiplos os seus talentos: escreve, desenha, fotografa, pinta, toca instrumentos, é poliglota. No viver dela, a frase de Rosa – o Guimarães – parece ter encontrado lugar. Deve ser por conta do sobrenome: Castelo.

Tem também o Thiago. Não sei ao certo o que pensa Tereza, mas ele foi seu melhor professor, por certo. É poeta. O meu preferido e o de Tereza também, embora ela não goste tanto de poesia quanto eu. Ele a ensinou sobre Foucault, Nietzsche e a fez encarar Heidegger. Mas não é isso que fez dele o melhor, foram as conversas de intervalo e os passeios de bicicleta. Já faz tempo, mas lembro de Tereza se sentir passarinho nessas horas.

Numa poesia ele diz: “Fiz cinco anos de doutorado / E só ontem aprendi que ovo galado / É ovo onde o galo se enfiou de intruso / Já escrevi sobre filosofia alemã / Dialética hegeliana / Juízos sintéticos a priori / Singularidades pós-modernas / E conceitos transcendentais / Hoje escrevo sobre o meu quintal e os meus poleiros / Sendo, de-sendo e re-sendo / Onde aos fins de tarde me encafifo / Pra saber como galinha dorme de pé / Não cai / E ainda sonha”.

O nome dessa poesia não é *cabência*, mas poderia ser. É o viver esparramado na beleza que mora dentro da filosofia das palavras e embaixo da asa da galinha. A *cabência* é tão profunda que, se nomeada com palavra já existente em várias bocas, desaparece.

Thiago a presenteou com Clarice e Jean Genet; o último, por pura descaradice, ela ainda não leu. O problema é que ela gosta de reler, rever, experimentar de



novo. Daí que o novo demora. Tereza se demora em tudo, justamente porque tem a impressão de que não cabe tanta coisa. Já me confessou que, se experimenta muito, esquece e o experimentado fica sem sentido, sem substância. Mas gosta de mudar caminhos, os dela e os dos outros, se der.

Tereza tem uma coisa com o caber que é líquida. Sim, ela é líquida. Mas não é aquela liquidez do velho polonês; é liquidez de encontrar caminho, de se esgueirar pelas frestas da existência, de desaguar cachoeira. Não fosse a queda, seu viver não seria tão profundo.

Ontem mesmo peguei Tereza pensando no contexto da frase "no viver tudo cabe". Ficou até zonzá, depois danou a escrever. Achei petulância o fato de, sem saber sobre o que, ainda assim escrever. Discutimos. De-

pois ponderei que quem escreve uma frase como essa espera por tudo. Guimarães haveria de perdoá-la pelo enxerimento. Afinal, não há maneira de sair incólume de tal afirmação.

No final das contas, depois de procurar compreender o desentendimento solipsista que nela a frase provoca, acabou encontrando uma resposta. Fato é que Tereza, por acaso, entendeu. Entender a deixou eufórica e, em lugar de escrever, mirou-me no espelho e gritou: EU NÃO ME CAIBO!

Horrorizadas, mas também encantadas, nos olhamos com admiração. Numa versão tupiniquim de Munch, lá estava o grito, o nosso grito.

Ao fim do grito eu nasci, e Tereza se deu conta de minha existência. Espelho é algo que não se encara só.